

TEXTOS PARA DISCUSSÃO INTERNA

Nº 56

"Fontes de Crescimento das Ex
portações Brasileiras na D^{éc}a
da de 70".

Maria Helena T.T. Horta

Março de 1983

Tiragem: 50 exemplares

Trabalho elaborado em: 1982

Instituto de Pesquisas do IPEA
Instituto de Planejamento Econômico e Social
Avenida Presidente Antonio Carlos, 51 - 139/179 andar
20.020 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (021) 220-6005

Este trabalho é da inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor. As opiniões nele emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
NA DÉCADA DE 70*

Maria Helena T.T. Horta

1 - Introdução

Este trabalho** tem como objetivo principal analisar o desempenho comercial do Brasil na década de 70, procurando verificar em que medida as elevadas taxas de crescimento das exportações observadas no período estariam refletindo apenas uma tendência de crescimento do comércio mundial ou, em parte, poderiam ser explicadas por características específicas da economia brasileira associadas a medidas de política econômica, mais especificamente, às políticas cambial e de subsídios às exportações.

A Seção 2 apresenta uma análise, a nível bastante agregado, das principais alterações ocorridas ao longo do período, não apenas no que se refere à composição da pauta, mas também com relação ao destino de nossas exportações.

Na Seção 3, através de uma análise do tipo constant-market-shares, procuramos decompor a taxa de crescimento das exportações em fatores estruturais e num fator "competitividade", determinado por resíduo. O crescimento das exportações é, assim, ex

* Este trabalho foi terminado antes da maxidesvalorização do cruzeiro de fevereiro de 1983, estando portanto sujeito às qualificações pertinentes.

** Agradeço a Cláudio Considera, Eustáquio Reis, José Cláudio Ferreira da Silva e Michal Gartenkraut pelas críticas e sugestões à versão preliminar do trabalho e a José Augusto Pestana Maciel, Maria José de Araujo Nunes e Maura de Souza Scarano pela boa vontade da colaboração na coleta dos dados e elaboração dos cálculos.

plicado pelo crescimento do comércio mundial, pela concentração favorável ou desfavorável das exportações em produtos e mercados de rápido crescimento e por um efeito "competitividade", que resultaria em ganhos (ou perdas) de participação nos diferentes mercados por parte dos diversos produtos que compõem a pauta. No final da seção, são apresentados dados sobre a evolução da participação das exportações brasileiras nos mercados de nossos principais parceiros comerciais.

Na Seção 4 foram construídos índices de competitividade para os produtos manufaturados, tendo em vista avaliar a relação existente entre competitividade e desempenho das exportações.

A última seção, finalmente, apresenta um resumo dos principais resultados encontrados.

2 - Padrões de Comércio no Período Recente

Nesta seção vamos procurar identificar as principais tendências observadas ao longo da década de 70 nos padrões de comércio do Brasil com o exterior, não apenas no que se refere à composição da pauta, como também ao destino das exportações.

A generalização do modelo de Heckscher-Ohlin¹ para vários países nos diria que não haverá especialização completa no comércio internacional: um país deverá comerciar em ambas as direções, vendendo produtos mais intensivos de mão-de-obra para países com uma dotação relativa mais abundante do fator capital e pro

¹Krueger, Anne O., "Growth, Distortions and Patterns of Trade Among Many Countries", Princeton Studies in International Finance, nº 40, 1977. Baldwin, R., "Determinants of Trade and Foreign Investment: Further Evidence", Review of Economics and Statistics, vol. LXI, nº 1, February 1979.

duto mais intensivos de capital para países com menor dotação relativa de capital. Uma versão dinâmica dessa teoria¹ nos diz, ainda, que países em fase de acumulação acelerada tendem a obter vantagens comparativas na produção de bens mais intensivos de capital e trabalho especializado, perdendo competitividade, no entanto, para países de mais lento crescimento na produção de bens mais intensivos de mão-de-obra menos qualificada. Assim, as exportações dos países em fase de rápido crescimento deverão apresentar uma elevação no grau de intensidade de utilização dos fatores capital e mão-de-obra especializada, ainda que mantendo as características dos bens comerciados em ambas as direções.

Analisando a composição da pauta de exportações por áreas de comércio, observa-se um padrão de comportamento semelhante ao previsto pela teoria.

Como se pode ver pela Tabela 1, enquanto a nossa pauta de exportações, tanto para os Estados Unidos como para os principais mercados europeus,² em 1971, é altamente concentrada nos produtos primários (86,8 e 92,0%, respectivamente), o mesmo não se observa com relação aos principais mercados latino-americanos,³ para os quais, em 1971, 51,2% das exportações já eram de produtos manufaturados. Mesmo dentro do conjunto dos manufaturados, pode-se observar que, para os principais mercados da América Latina, 65% de nossas exportações, em 1971, eram constituídos por produ-

¹Balassa, B., "A Stages Approach to Comparative Advantage", in Economic Growth and Resources, Irma Adelman (ed.) Macmillan, London 1979.

²Alemanha, França, Itália, Holanda, Reino Unido, Bélgica/Luxemburgo e Espanha.

³Argentina, Chile, México, Paraguai e Uruguai.

TABELA 1
EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES BRASILEIRA

(Em %)

	TOTAL BRASIL				PRINCIPAIS PARCEIROS EUROPEUS				ESTADOS UNIDOS				PRINCIPAIS PARCEIROS LATINO-AMERICANOS			
	1971	1974	1978	1980	1971	1974	1978	1980	1971	1974	1978	1980	1971	1974	1978	1980
1 - Produtos Primários	84,0	74,6	65,4	61,1	92,0	87,5	79,8	78,3	86,8	70,9	63,4	64,2	48,8	39,9	24,3	18,2
1.1 - Alimentos, Bebidas e Fumo	58,3	48,8	47,7	42,1	56,8	39,8	52,6	47,9	77,2	58,2	55,3	56,0	24,3	27,5	14,6	11,8
1.2 - Matérias-Primas (exc. comb.)	22,9	22,8	13,6	15,4	31,7	43,6	24,8	28,1	7,6	8,4	6,6	6,7	23,9	11,5	8,6	6,0
1.2.1 - Minérios	10,4	8,3	8,9	8,9	18,6	16,9	15,8	15,7	4,5	6,2	4,3	3,7	5,1	3,1	4,8	2,4
1.2.2 - Outras Matérias-Primas	12,5	14,4	4,7	6,5	13,1	26,7	9,0	12,4	3,0	2,2	2,2	3,0	18,8	8,4	3,8	3,6
1.3 - Gorduras e Óleos	2,8	3,0	4,1	3,6	3,7	4,1	2,4	2,3	2,0	4,3	1,5	1,5	0,6	0,9	1,1	0,4
2 - Produtos Manufaturados	16,0	25,4	34,6	38,9	8,0	12,5	20,2	21,7	13,2	29,1	36,6	35,8	51,2	60,1	75,7	81,8
2.1 - Produtos Químicos	1,8	2,9	2,1	3,5	1,2	1,9	1,3	1,7	1,7	3,4	1,3	3,4	2,7	6,7	6,6	7,1
2.2 - Máquinas, Equipamentos e Material de Transporte	4,8	8,4	15,7	17,4	2,1	1,8	6,8	6,3	1,4	8,9	13,2	11,0	22,0	28,8	43,5	46,5
2.3 - Produtos de Metal	2,2	2,9	5,0	6,1	0,4	0,9	2,1	3,4	1,7	3,1	7,0	7,8	11,3	10,3	7,1	10,4
2.4 - Manufaturados Têxteis	1,7	4,0	3,4	3,4	0,4	3,8	3,5	4,5	2,0	2,9	2,3	2,3	3,8	5,3	4,3	3,1
2.5 - Calçados	1,1	1,6	2,3	2,0	-	0,4	1,2	1,2	3,1	5,5	6,6	6,8	0,1	0,4	0,2	0,5
2.6 - Outros Manufaturados	4,4	5,6	6,1	6,5	3,9	3,7	5,3	4,6	3,3	5,3	6,2	4,5	11,3	8,6	14,0	14,2

FONTES: Annual Trade Book, OECD; Commodity Trade Statistics, ONU; e Comércio Exterior do Brasil, CACEX.

tos mais sofisticados tecnologicamente e/ou mais intensivos de capital, como máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal. Esta proporção para os Estados Unidos e principais mercados europeus era, respectivamente, de 33,5 e 31,3%.

A evolução da composição da pauta no período 1971-1980 também se dá no sentido previsto pela teoria, com uma crescente participação dos manufaturados: de 16% em 1971 para 38,9% em 1980. Destaque-se que, dentre os manufaturados, máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal são as únicas categorias que têm a sua participação aumentada de 44% do total de manufaturados em 1971 para 60% em 1980.

Este movimento, no sentido de uma maior participação das exportações de manufaturados, é confirmado mesmo desagregando a análise: entre 1971 e 1980, a participação de manufaturados nas exportações para os Estados Unidos e os países europeus praticamente triplica; para os principais mercados latino-americanos, apesar da alta participação das exportações de manufaturados já observada em 1971, ela também se eleva, alcançando 81,8% em 1980.

A nível de categorias de produtos verifica-se que, nos três mercados considerados, expressivos ganhos de participação acontecem para máquinas, equipamentos e material de transporte. Aumentos expressivos de participação são observados para produtos de metal, tanto para os Estados Unidos como para o mercado europeu, sendo que para esse último também ganham participação os manufaturados têxteis entre 1971 e 1974.

Com relação a mercados, observa-se ao longo do período uma certa desconcentração de nossas exportações: enquanto em 1971 os Estados Unidos e os principais mercados europeus e latino-ame-

ricanos absorviam aproximadamente 80% das exportações totais (exclusive combustíveis), essa proporção cai para cerca de 65% em 1980. Duas fases inteiramente distintas, no entanto, podem ser identificadas. A primeira delas entre 1971 e 1974, quando a participação desses países nas exportações totais (exclusive combustíveis) reduz-se de cerca de 80 para 66%. Na segunda fase, que vai de 1974 até 1980, a participação conjunta desses países permanece razoavelmente estável.

Desagregando essa informação por produtos primários e manufaturados, observa-se a mesma tendência identificada para o agregado: de fato, a maior perda de participação desses países nas nossas exportações ocorre entre 1971 e 1974. No entanto, enquanto a participação desses países nas exportações brasileiras de produtos primários reduz-se ainda mais entre 1974 e 1980, para os manufaturados mantêm-se estável entre 1974 e 1978 e cresce entre 1978 e 1980.

Desagregando ainda por áreas de comércio, verifica-se que a maior perda de participação nas exportações de produtos primários entre 1971 e 1974 se dá para os Estados Unidos, embora tanto os países europeus como os latino-americanos também percam participação. Já para os manufaturados, apenas a participação dos países latino-americanos reduz-se acentuadamente (de 33,8 para 18,9%), observando-se inclusive uma elevação na participação americana.

Dentre os manufaturados, observam-se algumas alterações interessantes nos fluxos de comércio ao longo de todo o período. Entre 1971 e 1974, verifica-se uma acentuada elevação na participação norte-americana nas exportações de máquinas, equipamentos e

TABELA 2

DISTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ÁREAS DE COMÉRCIO

	(Em %)														
	PRINCIPAIS PARCEIROS EUROPEUS				ESTADOS UNIDOS			PRINCIPAIS PARCEIROS LATINO-AMERICANOS			RESTO DO MUNDO				
	1971	1974	1978	1980	1971	1974	1978	1980	1971	1974	1978	1980			
1 - Produtos Primários	45,7	42,8	39,7	39,1	27,7	20,8	23,5	20,9	6,1	4,3	3,0	4,0	32,1	33,8	36,0
1.1 - Alimentos, Bebidas e Fumo	40,5	29,8	35,8	34,7	35,6	26,2	28,1	26,4	4,4	4,5	2,5	3,7	39,5	33,6	35,2
1.2 - Matérias-Primas (exc. comb.)	57,9	69,9	59,4	55,9	8,9	8,1	11,7	8,7	11,0	4,1	5,2	5,1	22,2	42,5	30,3
1.2.1 - Minérios	74,7	74,0	57,7	54,2	11,8	16,3	11,8	8,4	5,2	3,1	4,4	3,6	6,6	26,1	33,8
1.2.2 - Outras Matérias-Primas	43,8	67,5	62,6	58,1	6,5	3,7	11,6	9,1	15,9	4,6	6,7	7,3	24,5	19,1	25,5
1.3 - Gorduras e Óleos	54,5	49,9	19,2	19,3	18,8	30,7	9,0	8,2	2,1	2,3	2,2	1,6	17,1	69,6	70,9
2 - Produtos Manufaturados	20,8	18,0	18,9	17,9	22,1	25,2	25,7	19,3	33,8	18,9	18,0	28,0	37,9	37,4	34,8
2.1 - Produtos Químicos	27,8	23,4	19,9	14,9	24,4	25,8	15,3	19,9	15,7	18,5	25,5	27,3	32,3	39,3	37,9
2.2 - Máquinas, Equipamentos e Material de Transporte	17,8	7,8	14,0	11,1	7,9	23,3	20,3	12,6	48,9	27,4	22,7	35,6	41,5	43,0	40,7
2.3 - Produtos de Metal	7,5	11,4	13,7	17,1	20,5	23,2	34,3	25,3	53,6	28,5	11,7	22,6	36,9	40,3	35,0
2.4 - Manufaturados Têxteis	10,2	34,8	33,2	40,6	30,5	15,6	16,3	13,3	23,2	10,7	10,4	12,1	38,9	40,1	34,0
2.5 - Calçados	0,9	8,6	17,9	18,4	80,7	77,3	70,3	67,9	0,5	2,0	0,6	3,3	12,1	11,2	10,4
2.6 - Outros Manufaturados	37,2	24,3	28,3	30,6	20,2	21,0	24,7	19,4	19,8	12,3	18,8	28,9	42,4	28,2	21,1
TOTAL	41,7	36,5	32,5	31,1	26,8	21,9	24,3	20,3	10,6	8,0	8,2	13,3	33,6	35,0	35,3

FONTE: Idem Tabela 1.

material de transporte e na participação dos países europeus nas exportações de alguns produtos tradicionais como têxteis e calçados. Já entre 1974 e 1978, dobra a participação dos países europeus nas exportações de máquinas e equipamentos e aumenta significativamente a participação americana nas exportações de produtos de metal. Entre 1971 e 1978, em contrapartida, cai significativamente a participação dos países latino-americanos nas exportações desses produtos, sendo a redução mais acentuada observada para produtos de metal (de 53,6% em 1971 para 11,7% em 1978). Finalmente, entre 1978 e 1980, aumenta novamente a participação dos países latino-americanos nas exportações de manufaturados, paralelamente a uma redução na participação americana.

Resumindo os principais resultados desta seção, pode-se afirmar que ao longo da década de 70 verificaram-se tanto uma diversificação como uma desconcentração de nossa pauta de exportações. No entanto, enquanto a diversificação da pauta é um fenômeno que pode ser constatado ao longo de todo o período, a redução na participação de mercados tradicionais, como os dos países considerados nas nossas exportações totais, ocorre apenas entre 1971 e 1974.

O movimento de diversificação da pauta, ao longo de todo o período, deu-se no sentido previsto pela teoria, aumentando a participação das exportações de manufaturados nas nossas exportações totais de 16% em 1971 para 38,9% em 1980. Ainda dentre os manufaturados, foram os produtos mais sofisticados tecnologicamente e/ou mais intensivos de capital que apresentaram os maiores ganhos de participação.

3 - Desempenho Comercial do Brasil

3.1 - Fatores Determinantes das Exportações

Simplificando, poderíamos dizer que as principais variáveis que determinam o quantum exportado por um país são: pelo lado da oferta, a relação entre o preço das exportações e o preço da venda para o mercado doméstico e o nível de utilização da capacidade; e, pelo lado da demanda, o nível da renda mundial e o preço das exportações do país com relação ao preço dos produtos exportados por seus principais competidores.

Uma distinção, no entanto, deve ser feita entre os estudos que procuram explicar o nível das exportações de um país e aqueles cujo objetivo é avaliar o desempenho das exportações de um país com relação aos demais. No segundo caso, a evolução do nível de renda mundial seria uma variável explicativa pouco relevante, na medida em que deve afetar de forma mais ou menos semelhante a todos os países com pequena participação no comércio internacional. Assim sendo, os fatores relevantes para explicar o desempenho comercial relativo do país seriam: (i) a composição de sua pauta de exportação e a direção de seu comércio - quanto maior o crescimento da demanda dos produtos que compõem a sua pauta e quanto maior o crescimento da demanda nos países para os quais exporta, maior será o crescimento de suas exportações com relação ao crescimento do total comercializado mundialmente; (ii) o nível de utilização da capacidade instalada da economia - que deverá determinar limites ao crescimento das exportações pelo lado da oferta; e (iii) a evolução de sua "competitividade" - que, se favorável, deverá permitir uma maior penetração dos produtos de exportação do país no mercado internacional.

g_w^{ij} = taxa de crescimento das exportações mundiais do produto i para o país j ;

α_i = participação do produto i no valor total das exportações brasileiras; e

α_{ij} = participação das exportações do produto i para o país j no valor total das exportações brasileiras.

Pela equação acima, o crescimento das exportações pode ser explicado: (1) por um efeito crescimento do comércio mundial, que seria a taxa observada se as exportações do país estivessem crescido à mesma taxa do comércio mundial; (2) por um efeito composição da pauta, que permite identificar os ganhos (ou perdas) em termos da taxa de crescimento devidos à concentração da pauta em produtos que apresentaram taxas de crescimento mais elevadas (ou menores) que a média de todos os produtos; e (3) por um efeito destino das exportações, que representa os ganhos (ou perdas) em termos da taxa de crescimento devidos ao fato de o país exportar para mercados que cresceram a taxas superiores (ou inferiores) à média observada para todos os países. Esses três primeiros efeitos pressupõem participações constantes de todos os produtos exportados nos diferentes mercados. Um quarto e último efeito seria dado pela contribuição em termos da taxa de crescimento dos ganhos (ou perdas) de participação dos diversos produtos que compõem a pauta nos diferentes mercados, devido a ganhos (ou perdas) de competitividade, seja em termos de preços e/ou custos, seja em virtude de melhorias na qualidade dos produtos e/ou nas condições de financiamento.

3.3 - Descrição dos dados e apresentação dos resultados

Devido à ausência de informações mais detalhadas sobre o comércio mundial nos anos mais recentes, o nosso período de análise compreende apenas o período 1971-1978, tendo sido os cálculos efetuados também para os subperíodos 1971-1974 e 1974-1978.

Os mercados considerados foram os 15 países maiores importadores do Brasil em 1979, para os quais foi possível obter informações para os três anos estudados,¹ e um mercado denominado resto do mundo, que engloba todos os demais países.

No que se refere a produtos, o nível de desagregação utilizado corresponde à classificação SITC (Standard International Trade Classification) a dois e três dígitos, e foi determinado a partir da disponibilidade dos dados desagregados para as exportações mundiais e pela importância dos produtos na nossa pauta de exportações. Foram identificados nove grupos de produtos: alimentos, bebidas e fumo; minérios; outras matérias-primas (exclusive combustíveis); gorduras e óleos vegetais e animais; produtos químicos; máquinas, equipamentos e material de transporte; produtos de metal; produtos têxteis; e outros produtos manufaturados, que correspondem, na SITC, aos demais manufaturados classificados por matérias-primas não considerados individualmente e ao item diversos. Os cálculos foram efetuados para o total da pauta e considerando apenas os produtos manufaturados.

Como se pode ver pela Tabela 3 - que apresenta e decomposição em termos percentuais dos quatro efeitos considerados an-

¹Os 15 países selecionados foram: Estados Unidos, Alemanha Ocidental, França, Itália, Holanda, Reino Unido, Bélgica/Luxemburgo, Espanha, Japão, Argentina, Chile, México, Iraque, Polônia e União Soviética.

teriormente sobre a taxa de crescimento do total das exportações brasileiras (exclusive combustíveis) -, para o período como um todo, 71,4% da nossa taxa de crescimento podem ser explicados pelo efeito crescimento do comércio mundial. A contribuição do efeito competitividade foi de 39,1%, o que equivale a dizer que, mantida constante a participação de nossos produtos em todos os mercados, a taxa de crescimento das exportações teria sido cerca de 40% inferior à observada.

Por fim, pode-se constatar uma contribuição negativa ao crescimento, tanto do efeito composição da pauta como do efeito destino das exportações, embora este último com uma contribuição negativa desprezível. Com relação ao efeito composição da pauta, podemos dizer que o fato de nossa pauta estar mais concentrada em produtos de lento crescimento, em 1971, resultou numa taxa de crescimento, no período, 9,0% mais baixa do que a que teria ocorrido na ausência desse fenômeno.

TABELA 3

FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS TOTAIS,
EXCLUSIVE COMBUSTÍVEIS, NO PERÍODO 1971-1978

(Em % da taxa de crescimento das exportações)

	1971/1978	1971/1974	1974/1978
Efeito cresc. do com. mundial	71,4	64,8	100,9
Efeito composição da pauta	- 9,0	- 0,1	- 20,0
Efeito destino das exportações	- 1,5	-13,6	1,0
Efeito competitividade	39,1	48,9	18,1

FONTE: Elaboração IPEA.

Quando são considerados os subperíodos 1971-1974 e 1974-1978 separadamente, uma nítida diferença de comportamento pode ser observada. Em primeiro lugar, enquanto no primeiro período a taxa média anual de crescimento de nossas exportações foi de 40,2%, no segundo ela reduz-se para 12,6%. Em segundo lugar, entre 1971 e 1974 a taxa média anual de crescimento de nossas exportações foi 40% mais elevada do que a taxa de crescimento do comércio mundial, enquanto entre 1974 e 1978 essas taxas são praticamente idênticas. Por fim, o efeito competitividade explica 48,9% do crescimento de nossas exportações no primeiro período com relação a apenas 18,1% no segundo período. Em ambos os períodos os efeitos composição da pauta e destino das exportações deram uma contribuição negativa ao crescimento das exportações, embora a contribuição negativa relevante, entre 1971 e 1974, seja a do efeito destino das exportações e, entre 1974 e 1978, a do efeito estrutura da pauta.

Como ao longo dos anos 1971-1978 ocorre uma alteração substancial na composição da pauta de exportações, tendo a participação dos manufaturados no total da pauta (exclusive combustíveis) se elevado de 16,0% em 1971 para 34,6% em 1978, é interessante apresentar os resultados obtidos para a decomposição da taxa de crescimento das exportações de manufaturados.

Como se pode ver pela Tabela 4, 73,8% do crescimento de nossas exportações de manufaturados entre 1971 e 1978 são explicados pelo efeito competitividade e apenas 30,2% pelo efeito crescimento do comércio mundial, sendo negativa, embora bastante reduzida, a contribuição dos efeitos composição da pauta e destino das exportações.

Quando são considerados os dois subperíodos separadamen

te, observa-se a mesma tendência verificada para as exportações totais: o efeito competitividade explica uma parcela muito maior do crescimento das exportações de manufaturados entre 1971 e 1974 (70,6%) do que entre 1974 e 1978 (42,7%), embora a taxa de crescimento do comércio mundial de manufaturados no primeiro período tenha sido aproximadamente duas vezes maior que a observada no segundo período (média anual de 28,7 e 13,8%, respectivamente).

Assim, pode-se dizer que o crescimento acelerado do comércio mundial de manufaturados entre 1971 e 1974, aliado aos expressivos ganhos de mercado obtidos, permitiram um crescimento médio anual de nossas exportações de manufaturados da ordem de 63,5%, com relação a uma taxa média anual no período 1974-1978 de apenas 21,6% que reflete não apenas um menor crescimento do comércio mundial de manufaturados, como também uma queda no ritmo de penetração de nossos manufaturados no mercado mundial.

TABELA 4

FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES DE MANUFATURADOS
NO PERÍODO 1971-1978

(Em % da taxa de crescimento das exportações de manufaturados)

	PERÍODOS		
	1971/1978	1971/1974	1974/1978
Efeito cresc. do com. mundial	30,2	33,7	57,2
Efeito composição da pauta	- 0,1	+ 0,2	- 0,1
Efeito destino das exportações	- 3,9	- 4,5	+ 0,2
Efeito competitividade	73,8	70,6	42,7

FONTE: Elaboração do IPEA.

Pode-se argumentar que foi a nossa participação extremamente reduzida no comércio mundial de manufaturados nos anos iniciais do período em análise que permitiu esses ganhos substanciais de mercado, os quais não poderiam continuar indefinidamente, a menos que deixássemos de ser exportadores marginais. No entanto, como veremos a seguir, a nossa participação nos mercados dos principais parceiros industrializados em 1974 era ainda reduzida, sugerindo que a evolução da competitividade de nossos produtos manufaturados exportáveis tenha tido um efeito importante sobre o desempenho das exportações no período.

3.4 - Evolução da Participação das Exportações Brasileiras no Comércio Mundial

Os dados referentes à participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais indicam que o Brasil aumentou a sua participação no comércio mundial de forma mais ou menos consistente entre 1971 e 1977: de 0,922% em 1971 para 1,319% em 1977. Em 1978 e 1979, a participação brasileira reduz-se com relação a 1977, sendo em 1979 praticamente igual à observada em 1974.

Desagregando esta informação para alimentos, bebidas e fumo, matérias-primas (exclusive combustíveis) e manufaturados, observa-se que esses agregados não têm um comportamento uniforme ao longo do tempo. Como seria de se esperar pelos resultados anteriores, os ganhos mais expressivos de participação são observados por parte dos manufaturados entre 1971 e 1974, quando o Brasil mais do que dobra a sua participação nas exportações mundiais de manufaturados, que se eleva de 0,197% em 1971 para 0,404% em 1974. Entre 1974 e 1978, a sua participação no comércio mundial de manufaturados é também crescente, porém os ganhos de partici

pação são substancialmente inferiores aos observados nos anos anteriores.

TABELA 5

PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO COMÉRCIO MUNDIAL

(Em %)

ANOS	ALIMENTOS, BE BIDAS E FUMO	MATÉRIAS-PRIMAS (exc. combustíveis)	PRODUTOS MANUFATURADOS	TOTAL (exc. combustíveis)
1971	3,609	2,069	0,197	0,922
1972	4,131	2 198	0,280	1,065
1973	4,011	2,682	0,337	1,203
1974	3,953	2,625	0,404	1,178
1975	3,554	3,467	0,414	1,204
1976	4,350	3,015	0,401	1,250
1977	4,935	2,597	0,458	1,319
1978	4,056	1,967	0,526	1,159
1979	3,636	1,939	0,595	1,179

FONTE: Yearbook of International Trade Statistics, ONU.

Com relação à evolução da participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais de matérias-primas, verifica-se uma tendência algo semelhante à observada no caso de manufaturados, com a diferença de que todos os ganhos obtidos nos anos iniciais perdem-se ao longo dos três últimos anos: entre 1971 e 1975, as exportações brasileiras de matérias-primas como proporção das exportações mundiais eleva-se de 2,069 para 3,467% - ou seja, um aumento de mais de 50% -, caindo entretanto em 1978 para 1,967%.

Finalmente, para o item alimentos, bebidas e fumo, a evolução da participação brasileira no comércio mundial não apresenta um padrão claro, sendo as alterações observadas bastante inexpressivas. Este resultado não chega a ser surpreendente se considerarmos que as nossas exportações já representam algo em torno de 4 a 5% das exportações mundiais desse item, demonstrando que o Brasil dificilmente pode ser considerado um exportador marginal.

A análise desses dados nos permite afirmar que, entre 1971 e 1974, o excelente desempenho das exportações brasileiras que cresceram, no período, a taxas substancialmente mais elevadas do que as observadas para o comércio mundial, deveu-se basicamente tanto aos expressivos ganhos de mercado de nossos produtos manufaturados, como aos ganhos de mercado, ainda que menores, das matérias-primas. O mesmo não se verifica com igual intensidade no período 1974-1978, quando os ganhos de mercado dos produtos manufaturados, ainda que menos expressivos, teriam sido em parte contrabalançados pelas perdas de mercado das matérias-primas.

A seguir, vamos analisar um pouco mais detalhadamente a evolução da participação das exportações brasileiras de matérias-primas e de manufaturados nos mercados de nossos principais parceiros comerciais.

Como se pode ver pela Tabela 6, que apresenta a evolução da participação das exportações brasileiras de matérias-primas (exclusive combustíveis) nos mercados de nossos principais parceiros comerciais, desagregadas em dois grupos de produtos (minérios e outras matérias-primas),¹ o comportamento de outras matérias-

¹Em 1971 e 1978, a participação das exportações de minérios na exportação de matérias-primas (exclusive combustíveis), era respectivamente, da ordem de 45,4 e 57,8%.

primas apresenta um padrão ainda mais marcante do que o do agregado de matérias-primas: entre 1971 e 1974, a participação das exportações brasileiras no comércio mundial do agregado denominado outras matérias-primas cresce de 1,471 para 2,145%, ou seja, uma elevação de quase 70%, caindo no entanto em 1978 para 0,842%, que representa pouco mais da metade da participação no ano inicial. Desagregando por principais mercados, os maiores ganhos de participação no período 1971-1974 ocorrem nos mercados de nossos principais parceiros europeus, nos quais, em média, a participação das exportações brasileiras de outras matérias-primas mais do que dobra no período. No mercado americano a nossa fatia de mercado mantém-se estável, caindo no entanto nos mercados dos parceiros latino-americanos, com especial ênfase na Argentina, onde a nossa participação chega à metade: de 28% em 1971 para aproximadamente 14% em 1974. No período 1974-1978, a situação se inverte, caindo a nossa participação nos mercados dos principais parceiros europeus a mais da metade (de 3,206% em 1974 para 1,252% em 1978), aumentando no Chile e no México e permanecendo mais ou menos estável na Argentina e nos Estados Unidos. Dada, no entanto, a importância do mercado europeu em termos das exportações do agregado outras matérias-primas,¹ a perda de participação observada nesse mercado deve ter desempenhado um papel importante na performance relativamente fraca das exportações desse item no período. Com relação aos minérios, a nossa participação no comércio mundial no período 1971-1974 apresenta uma certa estabilidade, porém se verifica ao contrário das outras matérias-primas, uma elevação da

¹Em 1974, 67,5% de nossas exportações de "outras matérias-primas" tiveram como destino os países europeus considerados.

TABELA 6

PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MATÉRIAS-PRIMAS NOS
MERCADOS DE NOSSOS PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS

(Em %)

PAÍSES		MINÉRIOS	OUTRAS MATÉRIAS-PRIMAS	TOTAL MATÉRIAS-PRIMAS (Exc. Combustí- veis)
Estados Unidos	1971	3,280	0,970	1,684
	1974	5,695	0,937	2,408
	1978	5,101	0,961	2,069
Parceiros Europeus	1971	6,419	1,422	2,618
	1974	5,851	3,205	3,887
	1978	7,940	1,252	2,704
Argentina	1971	45,180	28,030	30,640
	1974	25,330	13,890	16,130
	1978	55,684	12,021	24,368
Chile	1971	-	1,946	1,946
	1974	-	1,116	1,162
	1978	-	3,244	3,244
México	1971	2,260	0,260	0,662
	1974	0,460	0,109	0,180
	1978	3,455	0,258	0,783
Mundo	1971	4,039	1,471	2,069
	1974	4,282	2,145	2,625
	1978	6,792	0,842	1,967

FONTES: Annual Trade Book, OECD; Yearbook of International Trade Statistics,
ONU; e Comercio Exterior do Brasil, CACEX.

participação brasileira nas exportações mundiais de quase 70% entre 1974 e 1978 (4,282% em 1974 com relação a 6,792% em 1978), o que reflete não apenas ganhos de mercados nos países europeus e na Argentina, como também no Japão, que é um importante importador brasileiro de minérios.

Analisando mais detalhadamente a evolução da participação dos manufaturados brasileiros nos mercados de nossos principais parceiros comerciais, é possível identificar, por grupos de produtos, em que mercados se dá mais intensamente a penetração de produtos brasileiros.

Considerando-se o conjunto dos manufaturados, observa-se no período 1970-1974 ganhos de mercado por parte do Brasil em todos os países ou grupos de países considerados, com exceção da Argentina, onde a nossa participação já era bastante elevada em 1971 (5,348%). Os ganhos mais expressivos no período ocorrem nos Estados Unidos, onde nossa participação cresce aproximadamente 170%, passando de 0,325% em 1971 para 0,875% em 1974. No entanto, também no Chile, no México e nos países europeus o Brasil obteve ganhos expressivos, dobrando, de maneira geral, a sua participação nesses mercados.

Quando se desagrega esta informação por grupos de produtos, observa-se que os maiores ganhos de mercado nos Estados Unidos verificam-se para máquinas, equipamentos e material de transporte, multiplicando-se por oito a nossa participação nesse mercado: 0,076% em 1971 com relação a 0,611% em 1974. Para os demais grupos de produtos, nossa participação no mercado americano praticamente dobra no período.

Ao contrário do ocorrido no mercado americano, a parti-

cipação de nossas exportações de máquinas, equipamentos e material de transporte no mercado europeu permanece praticamente estável, e em níveis insignificantes, entre 1971 e 1974, enquanto para os demais grupos de produtos manufaturados, à semelhança do ocorrido nos Estados Unidos, a nossa participação também praticamente dobra.

Com relação aos países latino-americanos, os padrões do período 1971/1974 são menos nítidos. Os ganhos de mercado mais expressivos, no entanto, são também observados para máquinas, equipamentos e material de transporte (nossa participação eleva-se em 177% no Chile, 166% no México e 25% na Argentina). Também os produtos químicos ganham mercado nos três países considerados, sendo que na Argentina a nossa participação aumenta 150%, passando de 1,074% em 1971 para 2,750% em 1974. Para os outros dois grupos de produtos, a nossa participação cai ou mantém-se mais ou menos estável, com exceção de outros manufaturados no Chile, onde nossa participação eleva-se de 2,956% em 1971 para 7,657% em 1974.

Com relação ao período 1974-1978, o quadro mostra-se bastante diferente. Ainda que o Brasil ganhe mercado em todos os países ou grupos de países considerados, esses ganhos são significativamente inferiores aos do período anterior.

Quando desagregamos a informação por grupos de produtos, observamos que apenas máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal aumentaram a sua participação no comércio mundial, caindo ligeiramente a de outros manufaturados e mais acentuadamente a de produtos químicos.

No mercado americano, apenas os produtos de metal apresentam ganhos elevados de participação (0,452% em 1974 e 1,254%

TABELA 7

PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MANUFATURADOS BRASILEIROS NO
MERCADO DE NOSSOS PRINCIPAIS PARCEIROS E NO COMÉRCIO MUNDIAL

(Em %)

PAÍSES		PRODUTOS QUÍMICOS	MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	PRODUTOS DE METAL	OUTROS MANUFATURADOS	TOTAL MANUFATURADOS
Estados Unidos	1971	0,770	0,076	0,248	0,644	0,325
	1974	1,448	0,611	0,452	1,434	0,875
	1978	0,544	0,801	1,254	1,326	1,021
Parceiros Europeus	1971	0,154	0,084	0,039	0,208	0,126
	1974	0,216	0,094	0,085	0,442	0,222
	1978	0,139	0,261	0,227	0,436	0,299
Argentina	1971	1,074	5,826	5,956	8,645	5,348
	1974	2,750	7,339	4,157	6,970	4,993
	1978	4,277	6,310	5,889	6,937	5,919
Chile	1971	0,899	2,089	3,111	2,956	2,134
	1974	1,043	5,780	3,481	7,657	4,521
	1978	3,622	13,451	4,960	11,203	10,838
México	1971	0,648	1,000	0,741	1,364	0,977
	1974	1,036	2,662	0,695	1,652	1,953
	1978	1,242	3,389	0,675	3,988	2,608
Mundo	1971	0,210	0,128	0,176	0,319	0,197
	1974	0,347	0,315	0,261	0,670	0,404
	1978	0,271	0,511	0,545	0,651	0,526

FONTE: Idem Tabela 6.

em 1978). Porém, aumenta também, ainda que em menor grau, a nossa participação no mercado de máquinas, equipamentos e material de transporte. Para os outros manufaturados, a nossa participação reduz-se ligeiramente, enquanto para produtos químicos essa queda é bastante acentuada: 1,448% em 1974 com relação a 0,544% em 1978.

Nos países europeus, os produtos de metal, assim como máquinas, equipamentos e material de transporte, apresentam ganhos de mercado expressivos, multiplicando por pouco menos de três vezes a nossa participação entre 1974 e 1978. É interessante enfatizar, no entanto, que em 1978 a nossa fatia de mercado para produtos de metal nos países europeus (0,227%) era ainda inferior à participação brasileira no mercado americano em 1971 (0,248%) e, para máquinas e equipamentos (0,261%), um pouco mais da terça parte da participação no mercado americano em 1974 (0,611%). Com relação a outros manufaturados, a participação brasileira mantém-se mais ou menos inalterada, caindo, no entanto, acentuadamente a de produtos químicos, à semelhança do ocorrido nos Estados Unidos.

Com relação aos parceiros latino-americanos, o Brasil ganha mercado também nos três países considerados, sendo que os ganhos mais expressivos ocorrem no Chile, onde o Brasil aumenta significativamente a sua participação: para o conjunto de manufaturados, há uma elevação de 4,521% em 1974 para 10,838% em 1978. Na Argentina, o Brasil ganha mercado apenas para produtos químicos e produtos de metal, perdendo ligeiramente para máquinas, equipamentos e material de transporte e mantendo mais ou menos estável a sua participação para os outros manufaturados.

Quanto ao México, os ganhos de mercado mais expressivos

verificam-se para o grupo de outros manufaturados, ainda que o grupo de produtos químicos e o de máquinas e equipamentos também tenham as suas participações elevadas.

Resumidamente, podemos dizer que, para o período como um todo, os ganhos de mercado mais expressivos são observados para máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal, que, entre 1971 e 1978, tiveram sua participação no comércio mundial multiplicada por aproximadamente quatro e três vezes, respectivamente. No mercado americano, a forte penetração das exportações brasileiras de máquinas, equipamentos e material de transporte verifica-se entre 1971 e 1974, enquanto para produtos de metal o mesmo ocorre somente entre 1974 e 1978. No mercado europeu, no entanto, a grande penetração de produtos brasileiros classificados nesses dois itens verifica-se basicamente entre 1974 e 1978. Nos países latino-americanos, a nossa fatia de mercado de produtos de metal mantém-se relativamente estável no longo de todo o período, enquanto ganhos bastante expressivos para máquinas e equipamentos são observados em ambos os períodos tanto no Chile como no México.

Com relação aos produtos classificados como outros manufaturados, que incluem basicamente os produtos chamados usualmente de tradicionais,¹ a participação brasileira no comércio mundial dobra entre 1971 e 1978. Note-se, porém, que os ganhos de mercado, tanto no mercado americano como no mercado europeu, são observados apenas entre 1971 e 1974, enquanto que entre 1974 e 1978 a nossa participação em ambos os mercados mantém-se estável.

¹Os itens mais importantes desse agregado são os manufaturados têxteis e calçados.

Nos países latino-americanos nossa participação cresce em ambos os períodos.

Com relação aos produtos químicos, a nossa participação no comércio mundial em 1978 era pouco superior à observada em 1971. Tanto no mercado americano como no mercado europeu, os ganhos de participação entre 1971 e 1974 são mais do que compensados pelas perdas observadas entre 1974 e 1978, enquanto nos países latino-americanos o Brasil aumenta a sua participação nos dois períodos.

Por fim, vale salientar a já expressiva participação das exportações de produtos brasileiros tanto no mercado argentino como no mercado chileno e, ainda que em menor escala, já não marginal, no mercado mexicano, sugerindo que dificilmente as nossas exportações para esses países poderiam continuar crescendo a taxas muito mais elevadas do que as taxas de crescimento do total das importações desses países. A situação inversa é observada no mercado europeu, no qual a nossa participação em 1978 é ainda totalmente negligenciável, inclusive inferior (com exceção de máquinas e equipamentos) à observada em 1971 no mercado americano, onde apenas em 1978 a nossa participação alcança 1%.

Para 1980, esses dados são disponíveis apenas para os Estados Unidos e os países europeus. Quando se compara a Tabela 8 com as Tabelas 6 e 7, verifica-se que tanto para matérias-primas como para manufaturados em geral a participação das exportações brasileiras nos mercados americano e europeu mantém-se relativamente estável. Os produtos classificados em outras matérias-primas apresentam alguns ganhos de participação tanto nos Estados Unidos como na Europa, enquanto os minérios têm a sua participação reduzida em ambos os mercados.

Com relação aos manufaturados, tanto no mercado americano como no mercado europeu a participação do Brasil permanece estável entre 1978 e 1980. A nível mais desagregado, apenas os produtos químicos ganham participação, embora em ambos os casos os ganhos observados tenham sido ainda insuficientes para recuperar a posição de 1974.

Na próxima seção, procuraremos analisar a evolução da "competitividade" das exportações brasileiras e tentaremos verificar em que medida é possível identificar alguma relação entre evolução da "competitividade" e desempenho comercial.

TABELA 8

PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MATÉRIAS-PRIMAS
E MANUFATURADOS NOS MERCADOS AMERICANO E EUROPEU EM 1980

PRODUTOS	(Em %)	
	ESTADOS UNIDOS	PARCEIROS EUROPEUS
Matérias-Primas (Exc. Comb.)	2,295	3,031
Minérios	3,647	6,293
Outras Matérias-Primas	1,507	1,826
Manufaturados	1,052	0,319
Produtos Químicos	1,013	0,179
Máquinas, Equip.e Mat.de Transporte	0,670	0,247
Produtos de Metal	1,516	0,334
Outros Manufaturados	1,339	0,451

FONTES: Commodity Trade Statistics 1980, ONU; e Comércio Exterior do Brasil 1980, CACEX.

4 - Evolução da Competitividade das Exportações

4.1 - Medidas de Competitividade

Existem diversos fatores que afetam a competitividade das exportações de um país, tais como a taxa doméstica de inflação, a taxa de inflação no resto do mundo, as variações da produtividade e as mudanças na taxa de câmbio. É possível desenvolver uma série de medidas de preços e custos relativos tendo em vista analisar a evolução da competitividade das exportações, cada uma delas possuindo vantagens e desvantagens. A escolha da medida mais adequada vai depender, basicamente, da natureza dos mercados dos produtos exportados pelo país e da participação do país estudado no comércio internacional.

Sob a ótica da demanda, a variável preço relativo relevante para avaliar a competitividade das exportações seria a razão entre o preço das exportações do país e uma média ponderada dos preços de seus principais competidores. Já sob a ótica da oferta, medidas de rentabilidade e custos relativos seriam mais adequadas para captar alterações na competitividade das exportações.

Se o país é um tomador de preços no mercado internacional e, portanto, a demanda de suas exportações é infinitamente elástica ao preço vigente no mercado internacional, pode-se esperar que a relação entre o preço de suas exportações e o de seus principais competidores seja mais ou menos constante ao longo do tempo,¹ de tal forma que uma medida desse tipo dificilmente terá

¹Quando os países que estão sendo comparados exportam cestas de mercadorias muito diferentes, é possível que eventuais alterações nesses indicadores reflitam muito mais alterações nos preços relativos entre diferentes cestas exportadas do que propriamente alterações de competitividade.

alguma utilidade para avaliar o desempenho comercial do país. A título de exemplo, após uma desvalorização da taxa de câmbio, a posição relativa de um país que é um exportador marginal avaliada por um índice de competitividade desse tipo não se modifica, na medida em que os preços em moeda estrangeira não se alteram. No entanto, a desvalorização da taxa de câmbio deverá resultar, pelo menos a curto prazo, numa elevação da rentabilidade das exportações, com um impacto positivo sobre estas pelo lado da oferta, provocando um deslocamento das vendas do mercado doméstico para o mercado externo. A médio e longo prazos, um aumento na rentabilidade do setor exportador também deverá provocar uma transferência de recursos para esse setor e um conseqüente aumento de sua capacidade de produção.

Considerando que o Brasil é um exportador marginal de manufaturados, com uma participação pequena no mercado internacional,¹ as medidas de competitividade mais relevantes para analisar nosso desempenho comercial deverão ser as de custos relativos e de rentabilidade das exportações vis-à-vis o mercado doméstico.

Nesta seção vamos procurar construir dois índices de competitividade:

a - Índice da taxa de câmbio efetiva real para a indústria (θ_c)

Lato sensu, este índice é uma medida da evolução dos níveis de custos da indústria no resto do mundo em comparação com a evolução dos custos da indústria no Brasil. A evolução desse índice vai depender basicamente da taxa de inflação no resto do mun

¹Com exceção de alguns países da América Latina.

do, da taxa de inflação no Brasil, da evolução da taxa de câmbio dos demais países em relação ao dólar e da nossa taxa de câmbio. Portanto, a competitividade do Brasil melhora, e cresce o potencial de nossas exportações, quando a elevação dos preços no resto do mundo é superior à verificada no Brasil, ambos os preços denominados numa mesma moeda.

Assim define-se:

$$\theta_c = E \bar{P}^* / \bar{P}$$

sendo: E = índice da taxa de câmbio;

\bar{P}^* = média ponderada¹ dos índices de preços dos produtos industriais em dólares dos nossos principais parceiros comerciais;² e

\bar{P} = índice de preços em cruzeiros da indústria no Brasil (coluna 26CE).

b - Índice da rentabilidade das exportações de manufaturados (θ_R)

Este índice nos dá uma medida da evolução da rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico. A evolução desse índice depende diretamente do comportamento do índice de preços em dólares das exportações - que por sua vez deverá refletir não apenas variações nas cotações das moedas de

¹As ponderações utilizadas foram a participação de cada país nas exportações totais de manufaturados para esses países em 1971, 1974 e 1978 e 1980.

²Índices utilizados:
Estados Unidos, Japão, Bélgica e Chile: linha 63a IFS;
França, Alemanha, Itália, Holanda, Espanha, Inglaterra, Argentina, México, Paraguai e Uruguai: linha 63 IFS.

nossos principais parceiros comerciais em relação ao dólar e o comportamento dos índices de preços desses países, como também variações nos preços relativos da cesta de produtos manufaturados exportada pelo Brasil -, da nossa taxa de câmbio, do nível de subsídios e da evolução dos preços domésticos.

Assim define-se:

$$\theta_R = \frac{P_X^* E (1+s)}{\bar{P}}$$

sendo: P_X^* = índice de preço em dólares das nossas exportações (coluna 19 CE); e

$1+s$ = índice que reflete variações nos subsídios das exportações.¹

4.2 - Resultados

4.2.1 - Dados Anuais

A primeira coluna da Tabela 9 apresenta o índice da taxa de câmbio efetiva real para a indústria no período 1971-1981. Este índice, que se aproxima de um índice de paridade do poder de compra, estaria indicando que o Brasil teve ganhos de competitividade no período, principalmente a partir de 1978, embora tenha havido uma queda bastante considerável em 1981.

Como foi dito anteriormente, este índice reflete basicamente variações dos índices de preços industriais no Brasil e no resto do mundo, das cotações das moedas de nossos principais par-

¹Musalem, A.R., "Política de Subsídios e Exportações de Manufaturados", RBE, janeiro 1981.

TABELA 9
ÍNDICE DA TAXA EFETIVA REAL DE CÂMBIO

ANOS	$\frac{E}{\bar{P}} \cdot \bar{P}^*$	$\frac{\bar{P}^*}{\bar{P}_{USA}}$	$\frac{\bar{P}_{USA}}{\bar{P}/E}$
1971	100,0	100,0	100,0
1972	100,9	100,9	100,0
1973	110,1	114,4	96,2
1974	109,7	109,0	100,6
1975	105,4	101,5	103,9
1976	110,4	103,9	106,3
1977	110,5	102,1	108,2
1978	116,6	106,4	109,6
1979	132,9	112,5	118,1
1980	150,5	113,4	132,7
1981	128,7	104,7	122,9

FONTES: Conjuntura Econômica, FGV; Boletim do Banco Central; e International Financial Statistics, Vol. I, FMI.

ceiros em relação ao dólar e da nossa taxa de câmbio.¹ Assim, é possível explicar as variações da nossa taxa de câmbio efetiva real tanto através das variações na relação entre os índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros e o índice de preços industriais americano (coluna 2 da Tabela 9) como por meio das variações na relação entre o índice de preços industriais nos Estados Unidos e o índice de preços industriais em dólares no Brasil (coluna 3 da Tabela 9). Como se pode ver pela coluna 2 da Tabela 9, os ganhos de competitividade observados em 1973 são devidos basicamente à apreciação das moedas de nossos principais parceiros com relação ao dólar. Entre 1973 e 1977, a nossa taxa de câmbio efetiva real mantém-se razoavelmente estável: se a média ponderada dos índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros cresce abaixo ou à mesma taxa do índice americano, o índice de preços em dólares da indústria no Brasil cresce a taxas inferiores à observada nos Estados Unidos. Entre 1978 e 1980, observa-se expressivos ganhos de competitividade, decorrentes não apenas da apreciação das moedas de nossos principais parceiros com relação ao dólar, como também do fato de nosso índice de preços industriais em dólares ter crescido a taxas inferiores à observada nos Estados Unidos. Em 1981, no entanto, verifica-se uma apreciação acentuada da nossa taxa de câmbio efetiva real para a indústria, devido tanto à desvalorização das moedas de nossos demais parceiros em relação ao dólar, como também ao fato de nosso índice de preços industriais em dólares ter crescido acima do índice de preços industriais americano.

$$l_{\theta_c} = \frac{E}{\bar{P}} \cdot \bar{P}^* = \frac{\bar{P}^*}{\bar{P}_{USA}} \cdot \frac{\bar{P}_{USA}}{\bar{P}/E}$$

Quando se considera a evolução do índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico, o seu comportamento ao longo do período mostra-se bastante diferente do comportamento do índice da taxa de câmbio efetiva real. Como se pode observar pela coluna 1 da Tabela 10, expressivos ganhos de competitividade no período são observados entre 1971 e 1974, quando a rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico aumenta em 70%. Entre 1974 e 1979 esse índice, apesar de pequenas oscilações, permanece razoavelmente estável, observando-se, no entanto, uma queda significativa em 1980, que deve ter-se acentuado a partir de 1981.

É possível explicar as variações do índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico a partir da evolução do nível de subsídios às exportações (coluna 2 da Tabela 10) e da relação entre o índice de preços das exportações em cruzeiros e o índice de preços domésticos (coluna 3 da Tabela 10).

Como se pode ver pelas colunas 2 e 3 da Tabela 10, essas variáveis afetam de forma diferente a rentabilidade das exportações conforme o período considerado. Entre 1970 e 1974, a elevação da rentabilidade das exportações vis-à-vis as vendas para o mercado doméstico é explicada basicamente pela evolução favorável dos preços das exportações com relação aos preços domésticos, sendo pequenas as variações no nível dos subsídios. Entre 1974 e 1979, observa-se uma tendência de queda na relação entre o índice de preços em cruzeiros das exportações e o índice de preços domésticos, o que de certa forma é neutralizado por uma elevação dos

TABELA 10
ÍNDICE DA RENTABILIDADE DAS EXPORTAÇÕES VIS-À-VIS AS
VENDAS PARA O MERCADO DOMÉSTICO

ANOS	$\frac{P_x^* E}{\bar{P}} (1+s)$	1 + s	$\frac{P_x^* E}{\bar{P}}$	$\frac{P_x^*}{\bar{P}^*}$	$\frac{E}{\bar{P}} \cdot \bar{P}^*$
1971	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1972	108,8	100,7	108,0	107,1	100,9
1973	139,7	102,0	137,0	124,6	110,0
1974	170,7	103,4	165,1	150,6	109,7
1975	167,3	110,3	151,7	143,9	105,4
1976	164,5	118,0	139,4	126,3	110,4
1977	172,9	116,3	148,7	134,5	110,5
1978	164,5	117,3	140,2	120,3	116,6
1979	175,8	117,3	149,9	112,8	132,8
1980	153,6	101,0	158,2	105,0	150,0
1981	130,3	101,3	128,7
1982 ^a	116,8

FONTES: Idem, Tabela 9.

^aDados referentes ao primeiro semestre.

subsídios às exportações.¹ Em 1980, apesar da elevação do preço das exportações com relação aos preços domésticos, a queda no nível dos subsídios² teve como resultado uma redução da rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico. A partir de 1981, apesar da restauração parcial do crédito prêmio do IPI, a queda observada na relação $P_x^* E/P$ deverá ter-se refletido numa redução substancial da rentabilidade das exportações.

Por outro lado, é possível explicar o comportamento da relação entre o índice de preços em cruzeiros das exportações e o índice de preços domésticos a partir da evolução da relação entre o índice de preços em dólares de nossas exportações e a média ponderada dos índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros (coluna 4 da Tabela 10) e da taxa de câmbio efetiva real (coluna 5 da Tabela 10).

Como se pode ver pelas colunas 4 e 5 da Tabela 10, a acentuada elevação na relação entre o índice de preços das exportações em cruzeiros e o índice de preços domésticos no período 1970-1974 deve-se não apenas ao fato de os preços da cesta de produtos manufaturados exportada pelo Brasil terem crescido muito acima da média dos preços industriais de nossos parceiros,³ como tam

¹Nesse período observa-se uma elevação dos subsídios financeiros às exportações, consequência não apenas do aumento na parcela financiada, como também da manutenção das taxas de juros nominais, apesar da aceleração da inflação.

²Com a maxidesvalorização de dezembro de 1979 foi eliminado o crédito prêmio do IPI, parcialmente restaurado em março de 1981.

³Ver Cardoso, E., e DORNBUSCH, R., "Taxas de Câmbio Efetivas, Nominais e Reais: Brasil, 1959-1978", TDI nº 25, INPES/IPEA, 1980.

bém a uma elevação da taxa de câmbio efetiva real. A partir de 1974, observa-se uma redução sistemática na relação entre o índice de preços em dólares de nossas exportações e a média ponderada dos índices de preços em dólares de nossos principais parceiros, o que em parte é compensado até 1980 por uma elevação da taxa de câmbio efetiva real.

Em 1981 e no primeiro semestre de 1982, observa-se uma redução acentuada na relação entre o índice de preços em cruzeiros de nossas exportações e o índice de preços domésticos. Essa redução, como veremos a seguir, pode em grande parte ser atribuída à valorização de nossa taxa de câmbio efetiva real, que resultou não apenas da valorização do cruzeiro em relação ao dólar, ocorrida após a maxidesvalorização de dezembro de 1979, como também da depreciação das moedas de nossos principais parceiros com relação ao dólar.

Resumidamente, poderíamos dizer que a elevação da rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico ocorrida entre 1971 e 1974 pode, em grande parte, ser atribuída ao comportamento favorável dos preços da cesta de produtos manufaturados exportados pelo Brasil e, em menor grau, à política cambial. Nesse período, o nível de subsídios às exportações elevava-se muito pouco. Entre 1974 e 1979, a rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico permanece razoavelmente estável, apesar de pequenas oscilações. Nesse período, a relativa estabilidade desse índice deve-se à elevação dos subsídios às exportações, que compensaram em parte a evolução de preços relativos desfavorável ao setor exportador. Em 1980, os ganhos do setor exportador em termos de preços relativos, decorrentes da valorização da nossa taxa de câmbio efetiva real, foram

mais do que compensados pela diminuição dos subsídios, reduzindo-se significativamente a rentabilidade das exportações vis-à-vis as vendas para o mercado doméstico. A partir de 1980, o preço das exportações com relação ao preço doméstico cai acentuadamente, devido principalmente, como veremos a seguir, à valorização da nossa taxa de câmbio efetiva real, o que deverá ter resultado em uma perda de rentabilidade ainda maior por parte do setor exportador nesse período.

4.2.2 - Dados trimestrais

Para analisar a evolução da competitividade das exportações a partir da maxidesvalorização do cruzeiro ocorrida em dezembro de 1979, foram construídos índices trimestrais da taxa de câmbio efetiva real para a indústria e da rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico até o segundo trimestre de 1982, com base no primeiro trimestre de 1980. Na ausência de medidas que permitam captar as alterações dos subsídios às exportações no período, o índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico reflete apenas alterações de preços relativos.

Como podemos ver pela coluna 1 da Tabela 11, que apresenta a evolução da taxa de câmbio efetiva real para a indústria, os ganhos de competitividade decorrentes da maxidesvalorização de dezembro de 1979 já haviam sido anulados no início de 1981, sendo que no segundo trimestre de 1982 teria sido necessária uma desvalorização do cruzeiro de 42% para repor a taxa de câmbio efetiva real no mesmo nível observado no primeiro trimestre de 1980. A queda acentuada da taxa de câmbio efetiva real, que mais do que compensou a maxidesvalorização de dezembro de 1979, pode ser atri

buída a dois fatores, como podemos verificar pelas colunas 2 e 3 da Tabela 11, que apresentam, respectivamente, a evolução da média ponderada dos índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros com relação ao índice de preços industriais americano e a evolução do índice de preços industriais dos Estados Unidos com relação ao índice de preços industriais do Brasil.

TABELA 11

ÍNDICE DA TAXA DE CÂMBIO EFETIVA REAL

ANOS		$\frac{E}{P} \cdot \bar{P}^*$	$\frac{\bar{P}^*}{\bar{P}_{USA}}$	$\frac{\bar{P}_{USA}}{\bar{P}/E}$
1980	I	100	100	100
	II	95,0	100,5	94,6
	III	88,2	102,7	85,8
	IV	83,9	102,6	81,8
1981	I	79,4	99,1	80,1
	II	75,5	91,8	82,3
	III	75,6	90,7	83,3
	IV	79,6	93,5	85,1
1982	I	74,6	88,7	84,0
	II	70,2	87,4	80,0

FONTE: Idem Tabela 9.

Ao longo de 1980, a redução da taxa de câmbio efetiva real pode ser atribuída basicamente ao fato de a desvalorização

da nossa taxa de câmbio ter sido inferior ao diferencial da inflação brasileira com relação à inflação americana, em virtude da prefixação da correção cambial muito abaixo da taxa de inflação. A partir do primeiro trimestre de 1981, a queda da taxa de câmbio efetiva real deve-se à desvalorização das moedas de nossos principais parceiros com relação ao dólar,¹ tendo a desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar acompanhado aproximadamente o diferencial da inflação brasileira e americana.

Dada a acentuada valorização da nossa taxa de câmbio efetiva real no período, teria sido necessário um comportamento extremamente favorável dos preços relativos da cesta de produtos manufaturados exportada pelo Brasil para que este fenômeno não tivesse um impacto desfavorável sobre a rentabilidade de nossas exportações com relação às vendas para o mercado doméstico. De fato, no entanto, não foi o que ocorreu. Como podemos observar pela coluna 2 da Tabela 12, que apresenta a evolução do índice de preços em dólares das nossas exportações deflacionado por um índice que reflete a média ponderada dos índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros, a partir de 1981 o preço em dólares da cesta de produtos manufaturados exportada pelo Brasil cai com relação à evolução da média ponderada dos índices de preços em dólares de nossos principais parceiros, acentuando ainda mais a queda na rentabilidade das exportações devida à valorização de nossa taxa de câmbio efetiva real: independente-

¹A relação entre a média ponderada dos índices de preços de nossos principais parceiros e o índice de preços americano não nos permite avaliar corretamente a desvalorização real das moedas dos demais parceiros com relação ao dólar, na medida em que inclui o índice de preços americano no numerador, com uma participação elevada.

mente de qualquer alteração no nível dos subsídios às exportações, teria sido necessário, no final do período considerado, uma desvalorização de 56,7% na nossa taxa de câmbio para que a rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico atingisse o mesmo nível do primeiro trimestre de 1980.

Os índices trimestrais de competitividade mostram, portanto, que não apenas ao longo de 1980 praticamente se anularam os efeitos da maxidesvalorização de dezembro de 1979, como, ainda mais, a desvalorização das moedas de nossos principais parceiros em relação ao dólar e a queda nos preços de nossos produtos de exportação, quando comparados à evolução dos preços industriais de nossos principais parceiros comerciais, resultaram ao longo do período em uma queda acentuada na rentabilidade de nossas exportações vis-à-vis as vendas para o mercado doméstico.

TABELA 12
EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇOS EM CRUZEIROS DAS EXPORTAÇÕES DE
MANUFATURADOS VIS-À-VIS O ÍNDICE DE PREÇOS POR
ATACADO DA INDÚSTRIA

ANOS		$\frac{P_x^* E}{\bar{P}}$	$\frac{P_x^*}{\bar{P}^*}$	$\frac{E}{\bar{P}} \cdot \bar{P}^*$
1980	I	100,0	100,0	100,0
	II	96,5	101,5	95,0
	III	89,9	101,9	88,2
	IV	86,0	102,4	83,9
1981	I	79,0	99,6	79,4
	II	72,2	95,6	75,5
	III	71,7	94,9	75,6
	IV	67,9	85,3	79,6
1982	I	67,4	90,4	74,6
	II	63,8	90,9	70,2

FONTE: Idem Tabela 9.

4.3 - Competitividade e desempenho das exportações de manufaturados

Quando se compara a evolução do índice de rentabilidade das exportações de produtos manufaturados (Tabela 10) com a evolução da participação de nossas exportações de manufaturados nos mercados de nossos principais parceiros comerciais (Tabelas 7 e 8), fica clara a existência de alguma associação positiva entre ganhos de mercado e elevação da rentabilidade das exportações: é exatamente entre 1971 e 1974, quando a rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico aumenta 70%, que a participação das exportações brasileiras no mercado americano passa de 0,325 para 0,875% e praticamente dobra nos demais países considerados, com exceção da Argentina. É verdade que entre 1974 e 1978, apesar da relativa estabilidade do índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico, observa-se ainda uma elevação na participação das exportações brasileiras de manufaturados nos mercados americano, europeu e dos países latino-americanos. No entanto, nos mercados americano e europeu esses ganhos são explicados exclusivamente pelo desempenho de produtos de metal e de máquinas, equipamentos e material de transporte.¹ Quando se compara a evolução da relação entre o índice de preços em cruzeiros das exportações de máquinas, equipamentos e material de transporte e o índice de preços por atacado do setor de bens de capital, o que se observa no período 1974-1978 é que o índice de preços das exportações em cruzeiros cresce mais rapidamente do que o índice de preços por atacado nesse se-

¹Para os demais grupos de produtos, nossa participação tende a se manter estável ou a cair.

TABELA 13

RELAÇÃO ENTRE O ÍNDICE DE PREÇOS EM CRUZEIROS DAS
EXPORTAÇÕES DE BENS DE CAPITAL E O ÍNDICE DE
PREÇOS POR ATACADO DO SETOR

ANOS	$\frac{E P_k^*}{\bar{P}_k}$
1971	100,0
1972	100,8
1973	103,5
1974	112,4
1975	113,5
1976	121,8
1977	120,1
1978	115,9
1979	127,8
1980	143,4
1981	111,8
1982 ^a	107,0

FONTE: Conjuntura Econômica e Boletim do Banco Central.

^aDados referentes ao primeiro semestre.

tor, o que estaria indicando que esse grupo de produtos teria ainda apresentado ganhos de competitividade entre 1974 e 1978.¹

¹É também verdade, no entanto, que apesar do crescimento desse índice entre 1978 e 1980, a nossa participação cai ligeiramente no mercado americano e mantém-se estável no mercado europeu.

Entre 1978 e 1980, a participação de nossas exportações, tanto no mercado americano como no mercado europeu, mantém-se mais ou menos estável, tanto ao nível agregado como desagregado, ao mesmo tempo que também se observa uma certa estabilidade no índice de rentabilidade das exportações.

Esses resultados, portanto, viriam confirmar a importância da variável rentabilidade das exportações vis-à-vis o mercado doméstico como variável explicativa do desempenho comercial do país com relação aos demais países.

RESUMO E CONCLUSÕES

Durante a década de 70 verificou-se uma acentuada diversificação de nossas exportações, tanto no que se refere a produtos como a mercados. Analisando a evolução da pauta ao longo do período, podemos observar uma drástica alteração no sentido previsto pela teoria: a participação das exportações de produtos manufaturados eleva-se de 16% em 1971 para 38,9% em 1980.

Ainda dentre os manufaturados, os maiores ganhos verificam-se nos setores mais sofisticados tecnologicamente e/ou mais intensivos de capital, como máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal, que em 1980 já representavam, respectivamente, 17,4 e 6,1% de nossas exportações totais e 44,7 e 15,7% de nossas exportações de manufaturados.

Em termos de fluxos de comércio, observa-se uma certa desconcentração das exportações entre 1971 e 1974, com a redução da participação de mercados tradicionais, como os dos países considerados no total de nossas exportações. Considerando apenas os manufaturados, verifica-se entre 1971 e 1974 uma elevação na im-

portância relativa do mercado americano e uma redução bastante acentuada na participação de nossas exportações destinadas aos países latino-americanos, tendência esta que se inverte entre 1978 e 1980. Dentre os manufaturados, vale a pena ressaltar a importância crescente do mercado americano para máquinas, equipamentos e material de transporte nos anos iniciais e do mercado europeu entre 1974 e 1978, paralelamente a uma perda acentuada de importância do mercado latino-americano: enquanto em 1971 os principais parceiros latino-americanos absorviam 48,9% de nossas exportações deste item, em 1978 essa percentagem cai para 22,7%. Entre 1978 e 1980, a tendência inverte-se, diminuindo a participação dos Estados Unidos nas nossas exportações e aumentando a dos parceiros latino-americanos. Também com relação às exportações de produtos de metal verifica-se uma tendência semelhante, aumentando a importância relativa dos mercados americano e europeu, enquanto se observa uma queda na participação de nossas exportações destinadas aos principais mercados latino-americanos.

No período 1971-1978 a taxa de crescimento das exportações brasileiras totais (exclusive combustíveis) foi superior à do comércio mundial. Desagregando por subperíodos, no entanto, observa-se que, em média, a nossa taxa de crescimento foi mais elevada do que a do comércio mundial apenas para o período 1971-1974, enquanto no período 1974-1978 a nossa taxa média anual de crescimento é praticamente idêntica à do comércio mundial.

O ótimo desempenho das exportações brasileiras entre 1971 e 1974 pode ser atribuído aos expressivos ganhos de mercado por parte do Brasil, que no período explicam 48,9% da taxa de crescimento de nossas exportações totais e 70,6% da taxa de cres-

cimento das exportações de manufaturados. Para o período 1974-1978, quando nossas exportações totais crescem em média à mesma taxa do comércio mundial, o efeito "competitividade" explica apenas 18,1% da taxa de crescimento e é contrabalançado pelo efeito composição da pauta, que teve um impacto negativo sobre a taxa de crescimento, devido ao fato de nossas exportações estarem concentradas em produtos de lento crescimento no período. Com relação aos manufaturados, o efeito "competitividade" entre 1974 e 1978 ainda tem uma contribuição importante, porém muito inferior à observada entre 1971-1974.

Apesar das altas taxas de crescimento das exportações dos produtos manufaturados no período, substancialmente mais elevadas que as do comércio mundial, a nossa participação nos mercados americano e europeu, principalmente neste último, ainda era reduzida em 1980. Nos mercados dos principais parceiros da América Latina, no entanto, a participação das exportações brasileiras já em 1978 não pode ser considerada marginal, devendo ter-se elevado ainda mais nos anos recentes.

Quando analisamos em conjunto a evolução do índice de rentabilidade das exportações e a evolução da participação das exportações brasileiras de manufaturados nos mercados de nossos principais parceiros, fica clara a existência de alguma associação entre ganhos de mercado e elevação da rentabilidade das exportações: é exatamente no período 1971-1974, quando o índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico cresce expressivamente, que o Brasil aumenta de modo significativo a sua participação no comércio mundial de manufaturados. Se considerarmos, ainda, que é exatamente nesse período

que não apenas o comércio mundial cresce a taxas bastante elevadas (mais de duas vezes a taxa média do período 1974-1978), como também o setor industrial brasileiro encontrava-se funcionando próximo ao limite de sua capacidade, fica ainda mais evidente o papel desempenhado pela elevação da rentabilidade das exportações na performance comercial do país.

A partir de 1979, a estratégia econômica posta em prática na maioria dos países desenvolvidos tem-se caracterizado pelo estabelecimento de políticas monetárias restritivas, objetivando reduzir a demanda interna e, assim, controlar a taxa de inflação e melhorar a balança de pagamentos via diminuição das importações e aumento das exportações. Como resultado dessas políticas, tem-se observado uma redução acentuada no nível da atividade econômica na maioria dos países industrializados.

Uma consequência desse fenômeno foi o estrangulamento externo hoje observado na quase totalidade dos países em desenvolvimento. A manutenção da mesma estratégia por parte dos países líderes sugere perspectivas de baixas taxas de crescimento dessas economias e, portanto, do comércio mundial a curto e médio prazos. Desta forma, a possibilidade que se coloca para o Brasil de gerar saldos positivos elevados na balança comercial, via crescimento das exportações, seria a elevação da sua participação no comércio mundial. Tal objetivo, exigiria uma política cambial orientada no sentido de elevar a competitividade do setor exportador.

Entretanto, isto não vem ocorrendo nos últimos dois anos. Atrelada à necessidade de captação de recursos externos, a política cambial brasileira pós-1980 perseguiu o objetivo de reduzir os custos dos empréstimos denominados em moeda estrangeira,

resultando num significativo atraso cambial. Não fosse a existência de crescente volume de subsídios variados, tanto creditícios quanto fiscais, a perda de competitividade do setor exportador teria sido ainda mais elevada. Hoje, numa conjuntura de estreitamento geral de mercados, a política até agora praticada - subsídios às exportações - torna-se problemática pela possibilidade de retaliação por parte dos parceiros comerciais. Considerando-se, ainda, que a situação é agravada pelo fato de o Brasil ter deixado de ser em muitos mercados um fornecedor de porte negligenciável e, portanto, com a sua política de promoção às exportações sob vigilância, resta a alternativa de uma política cambial ativa como forma de ganhar espaço no comércio internacional.

Qualitativamente, nossas conclusões parecem coincidir com a avaliação das autoridades econômicas, que para 1983 já anunciaram desvalorizações reais da taxa de câmbio. Quantitativamente, no entanto, nossos resultados indicam a necessidade de uma desvalorização do cruzeiro bastante superior à programada.